TL2368-1

Intervenção de JOSÉ GUTERRES na

SUBCOMISSÃO DE LUTA CONTRA AS MEDIDAS DISCRIMINATÓRIAS E PELA PROTECÇÃO DAS MINORIAS

Sr. Presidente

Desde o dia 7 de Dezembro de 1975, data da invasão, que as tropas indonésias têm violado os direitos humanos do povo de Timor-Leste. Tinha eu treze anos quando os militares indonésios invadiram Timor-Leste. Estive no mato com a FRETILIN, após a invasão e fui capturado no mês de Abril de 1979, pelos soldados indonésios do batalhão 631. No dia 24 de Julho de 1980 fui preso e torturado pelos militares indonésios, em Dili. No dia 19 de Agosto de 1980 mandaram-me para a prisão de Dili, Komarka. No dia 3 de Setembro de 1980 fui mandado para a ilha de Ataúro. Em Julho de 1984 fui libertado. Em 1985 trabalhei para a Cruz Vermelha Indonésia e no dia 7 de Fevereiro de 1987 cheguei a Portugal.

Durante 12 anos, vivi, senti e assisti ao comportamento dos invasores indonésios. Execuções arbitrárias, aprisionamentos, torturas, violações, transferências de população para campos de concentração, falta de liberdade de expressão, etc., são cenas que fazem parte da vida quotidiana do povo de Timor-Leste.

A Indonésia quer fazer crer ao mundo que tais actos não ocorrem em Timor-Leste, alegando que o povo de Timor-Leste pediu voluntariamente a integração na República da Indonésia. Perguntamos à Indonésia se na verdade houve um verdadeiro referendum em 17 de Julho de 1976, data proclamada como a da constituição da "27ª Província" da República da Indonésia. Como foi isso possível se naquela altura a maioria da população se encontrava nas montanhas, nas zonas protegidas pelos guerrilheiros da FRETILIN?

Em 1978-79 as forças indonésias efectuaram uma grande ofensiva, conhecida pelos timorenses por "Campanha de Cerco e Aniquilamento", contra a FRETILIN e a população que se encontrava sob a protecção dos guerrilheiros. Muitos timorenses foram vítimas dessa grande ofensiva. Por exemplo, no Sector Centro Leste, região onde eu me encontrava naquela altura, numa das zonas de Barique, na planície da costa sul, chamada Natar Bora, uma parte da população morreu devido às consequências de intenso bombardeamento de seis aviões de caça Bronco, conhecidos em Timor por "Sakunar", granadas de morteiro, obús, bazukas e bombas incendiárias. Por onde passavam, as tropas indonésias destruiam as culturas, incendiavam casas, matavam o gado, como aconteceu em Karau Monu, Sarin, Natar Bora, Fehuc Rim e Kakae Uma. A população viu-se obrigada a render-se aos invasores; muitas pessoas eram capturadas durante as

operações. Muitos dos rendidos e capturados, principalmente os homens mais fortes ou mais instruídos, eram acusados pelos militares indonésios de serem guerrilheiros ou activistas da FRETILIN e depois de brutalmente torturados eram fuzilados. Aconteceu, entre outros, a José Carlos, Ramafat, Bais, Joaquim Pinheiro, Almerindo Alves. As mulheres eram brutalmente violadas, quase por todos os soldados indonésios, antes de serem mortas, como aconteceu com Agostinha, Zélia, Irene e outras. Os outros homens eram utilizados como guias durante a progressão dos ocupantes e quando estes já não precisavam mais deles, dos seus serviços, faziam-lhes o "Mandi Laut" que significa em bahasa indonésio 'tomar banho de mar', quer dizer, matar. As crianças de 13 a 17 anos eram utilizadas como carregadores (TBO). Os utensílios valiosos que os timorenses, rendidos ou capturados, conseguiam levar como, por exemplo, relógio, moedas mexicanas, anéis de ouro ou de prata, colares, tudo lhes era arrancado pelas tropas indonésias.

Os guerrilheiros da FRETILIN que se rendiam às forças indonésias e que estes supunham ser perigosos eram fuzilados, como nos casos de Hermenegildo Alves, Fungala, Mau Koli, Lomano, Policarpo, Zacarias, Teófilo do Amaral e outros. Os restantes eram obrigados a avançar para o mato e a lutar contra os seus próprios conterrâneos, e alguns desses mais tarde seriam fuzilados, presos, desterrados ou feitos desaparecer.

Nos arredores de Dili, em 1980, em Mota Ulun e Dare, algumas pessoas foram fuziladas pelas tropas indonésias, como retaliação a uma operação efectuada pelos guerrilheiros da FRETILIN ao posto da televisão de Dili, em Marabia, no dia 10 de Junho de 1980. Após essa operação, as prisões de Dili (Komarka, Mes Korem, Nangalla, Kodim, Koramil Dili Timur e Koramil Dili Barat), estavam esgotadas com prisioneiros.

Durante os interrogatórios, os prisioneiros eram submetidos à tortura. Qualquer guarda indonésio empregava o seu método de tortura e, claro, procurava sempre fazer 'melhor' e 'novo' em relação aos anteriores. Estas demonstrações eram acompanhadas pelas gargalhadas dos oficiais indonésios, enquanto a vítima gritava de dôr ou rogava perdão aos seus carrascos.

As várias maneiras empregues pelos militares indonésios durante o interrogatório na Mes Korem, após a operação efectuada pelos guerrilheiros no dia 10 de Junho de 1980, foram:

- choques eléctricos
- espancamento com varas de ferro ou madeira
- dedos dos pés esmagados por suportes de mesa, com soldados e oficiais sentados em cima da mesa
- afogamento em tanques de água, com a vítima amarrada
- mordeduras de répteis
- queimaduras de cigarros nas costas, nos ouvidos e no sexo
- cortes nos orgãos sexuais
- pontapés com botas de cabedal no peito

As torturas consideradas mais ligeiras eram (são ainda):

- coronhadas
- 200 flexões, 200 e olhar para o sol durante quatro horas.

Eu próprio testemunhei estas torturas e fui submetido a alguns métodos de tortura já mencionados.

Bernardino, Mariano, David, Januário, Afonso Moniz, Cristo Rei e outros foram submetidos a choques eléctricos e outras torturas.

Mateus esteve durante 6 horas com o pé da mesa a esmagar o dedo do pé direito, com oficiais e soldados indonésios sentados em cima da mesa, sendo ao mesmo tempo agredido por outros militares.

Maria, Beatriz e outras foram brutalmente violadas pelos militares indonésios, depois de serem submetidas a outros tipos de torturas.

Um soldado indonésio, de nome Báder, mordeu um pedaço da orelha de um prisioneiro chamado Domingos e comeu-o diante de nós. A outro prisioneiro, de nome Danilo, foi-lhe cortada uma orelha e alguns dias depois mandaram-no para a prisão Komarca e de lá desapareceu.

No dia 24 de Julho de 1980, os militares indonésios aprisionaram um timorense chamado Pedro Manek. Em Mes Korem esse timorense foi submetido a choques eléctricos, espancamentos, insultos, afogamentos e um dos soldados do batalhão 121 cortou-lhe um pedaço do orgão sexual e fizeram do seu ouvido um cinzeiro. Ao fim de uma semana fizeram-no desaparecer.

Um prisioneiro chamado Silvério, que trabalhava em Asrama Becora, apanhou 70 pontapés na caixa toráxica, dados por um capitão de infantaria que, na altura da operação realizada pelos guerrilheiros no dia 10 de Junho de 1980, se encontrava destacado num dos postos próximo do local da operação. Segundo o capitão indonésio, os 70 pontapés eram a resposta ao susto que apanhara durante a operação.

José, Luli Rai, Lúcio, David e outros foram espancados com varas de 1,30 cm de comprimento e submetidos a outras torturas, durante uma semana. Os militares indonésios obrigavam as mulheres, também prisioneiras, a despirem os prisioneiros.

Eu próprio fui submetido a espancamentos e mordeduras de répteis no sexo, no dia 12 de Agosto de 1980, em Mes Korem. Estavam também os prisioneiros Januário, Francisco, Afonso, Carvalho, Agapito, entre outros, no mesmo turno que eu. Fui interrogado por um major dos Boina Vermelha (Nangalla) chamado Baguio e por um outro indonésio chamado Frankly, dos serviços secretos (Intel). Fui brutalmente espancado pelos militares indonésios do batalhão 121.

Os militares indonésios responsáveis pelos interrogatórios eram:

- Ali Musa (major)
- Baguio (major)
- Jamrod (capitão)
- Naso (tenente)
- Soroto (tenente)
- Frankly (da Brigada Móvel)

Os desaparecimentos dos prisioneiros das prisões já mencionadas efectuaram-se com o conhecimento e sob as ordens deles.

Na ilha de Ataúro, local onde estiveram presas um número calculado em 5.000 pessoas, incluindo velhos, inválidos, mulheres e crianças, apesar da presença da Cruz Vermelha Internacional, os militares indonésios continuavam a torturar os prisioneiros que suspeitavam de manter relações com os guerrilheiros ou as pessoas, também prisioneiras, que não lhes obedeciam.

Em Outubro de 1983 foram interrogados e submetidos à tortura os prisioneiros Domingos, António, Gaspar, Florindo, Casimiro, Alcino, Eduardo e Borges. Mais tarde foram transferidos para a prisão de Dili, Komarka. Também foi interrogado um professor chamado Isaac, natural da ilha de Ataúro. Depois de torturado, conseguiu que o libertassem, mas só depois de dar uma certa quantia de dinheiro, ouro e moedas mexicanas ao comandante indonésio. O interrogatório foi feito pelos elementos da companhia 'Nangalla 4'.

Todos os prisioneiros que se atrevessem a falar com delegações ou jornalistas estrangeiros, sem ordem dos militares indonésios, eram interrogados e torturados depois do regresso dessas delegações e jornalistas. Aconteceu com o caso de quatro prisioneiros que entregaram uma lista de nomes de pessoas que tinham sido executadas na região de Lospalos, aos jornalistas portugueses, em Setembro de 1983. Dos quatro prisioneiros, dois deles são Guilherme e Jorge, os outros dois são catequistas. Os quatro foram torturados durante a noite, submetidos a choques eléctricos e a espancamentos. No dia seguinte meteram-nos no porta-bagagens de um helicóptero militar e levaram-nos para a prisão Komarca de Dili.

Em Agosto de 1983, numa visita feita por uma delegação australiana, chefiada por Bill Morrison, alguns prisioneiros foram entrevistados por essa delegação. Eu também tive uma conversa rápida com um jornalista que acompanhava a delegação. Depois do regresso da delegação, fomos chamados ao 'Koramil' (sede do Comando). Fomos espancados e ameaçados de fuzilamento se tal acontecimento se repetisse.

A alimentação que a Cruz Vermelha nos fornecia não era de qualidade e houve alguns prisioneiros que foram à procura de algumas folhas comestíveis nas montanhas de Ataúro, para poderem variar um pouco a refeição. No regresso ao campo foram chamados pelos militares indonésios e espancados no campo de futebol de Ataúro, com varas de 1,30 cm de comprimento. A maioria do pessoal espançado era de Quelicai, parte leste de Timor-Leste.

Um militar indonésio de nome Mon tinha castigado alguns prisioneiros, só por ter encontrado um baralho de cartas na barraca onde viviam, entre outros, 20 prisioneiros originários de Baucau. Como castigo, obrigou-os a comerem todo o baralho, obrigou-os a olharem para o sol durante seis horas e depois obrigou--os a jogarem cartas em frente do Comando durante três dias e três noites. Isto aconteceu no mês de Julho de 1983.'

Um prisioneiro chamado Domingos Boek, natural de Viqueque, foi levado da ilha, de helicóptero, em Março de 1983 e desapareceu. Até à presente data, a sua família ignora o seu paradeiro, não se encontrando na prisão de L. P. Cipinang nem noutras prisões de Timor-Leste.

Em 1985, no campo de concentração de Porogoa, foram torturados os prisioneiros originários de Baucau-Bucoli Afonso, Julião, Amaro, Guilherme e Mateus, só porque estiveram doentes e não podiam participar no 'gotton royong' (trabalho comunal). Estes foram atados e pendurados em árvores durante dois dias.

Em Setembro de 1986 um prisioneiro que tinha sido libertado de Ataúro no mesmo dia que eu, em Julho de 1984, de nome Antoninho, natural de Laleia e residente em Quintal Mascarenhas, casado, com cinco filhos, foi morto pelos militares indonésios do batalhão 744, em Dili, na Rua de Bemori, junto à ponte João Meira, sem motivo nenhum.

Em Outubro de 1986 três prisioneiros de Aileu, Henrique Falcão, Adriano Corte Real e Calisto Corte Real e dois funcionários (pegawai), Justino Ribeiro e Egídio de Jesus, foram brutalmente espancados e sujeitos a choques eléctricos. Sem conhecimento dos militares indonésios, consegui entrar no edifício e encontrei--os com o rosto inchado e com sinais de maus tratos.

Todas as pessoas que estiveram no campo de concentração de Ataúro, Porogoa e Aileu, depois de regressarem ao seu local de origem, são vigiadas e obrigadas a fazer guarda nos postos de vigilância, durante a maior parte do dia. Por exemplo, as gentes de Lospalos, que estavam em Porogoa, ao regressarem a Lospalos, tiveram de ir morar com os parentes, porque as suas casas tinham sido queimadas na altura em que foram obrigados a partir para a ilha de Ataúro. Eles não conseguem arranjar novas casas porque passam o tempo a fazer vigilância e não são autorizados a deslocar-se mais do que 5 km. No mês de Janeiro de 1987, dois rapazes vindos de Lospalos foram comigo ao Hotel Turismo de Dili, onde residem alguns elementos da delegação da Cruz Vermelha Internacional, para relatarem a situação e pedirem auxílio. Porém, uma enfermeira desta delegação disse-lhes que de momento não podia fazer nada, porque o género de auxílio que êles pediam não estava no projecto que estavam a levar a cabo.

As gentes de Ainaro, depois de regressarem do campo de concentração de Ataúro, foram obrigadas a avançar à frente dos militares indonésios, nas operações que estes efectuavam contra os guerrilheiros. A Cruz Vermelha Internacional tem conhecimento destes factos.

Todo este sofrimento que o povo de Timor-Leste tem suportado ao longo de 12 anos mostra que lhe é negado o direito à autodeterminação. Enquanto não fôr encontrada uma solução justa para a questão de Timor-Leste, o povo continuará a resistir aos ocupantes e o sofrimento continuará.

Obrigado, Sr. Presidente.